



O MONTE OSSA NA THESSALIA.

DUAS SERRAS DO MESMO NOME, NA GRECIA
E EM PORTUGAL.

A HISTORIA antiga e a poesia do paganismo fizeram celebres muitos logares da famosa Grecia, em que teve berço a risonha mythologia, o culto do sensualismo; as ficções, as imagens passaram dos antigos para os modernos poetas: tão familiares são aos modernos leitores os nomes daquelles sitios como os das capitães e portos notaveis da Europa actual. Por isso não pareceu desacertado pôr á vista dos curiosos o transumpto do estado presente d'algumas dessas localidades, outr'ora amenizadas ou pelos trabalhos da cultura ou pela pompa da natureza, e hoje pela maior parte escalvadas e ermas. Deploravel aspecto offerece hoje semi-bravio o Parnaso, tão decantado com sua fonte Castalia, como noticiámos a pag. 153: não é tanto assim a paragem que o precedente desenho representa, posto que cercada de montanhas aridas, ingremes e alcantiladas: a vizinhança de uma cidade, cujos moradores são nomeados por sua actividade, industria, e espirito commercial, dá movimento e com elle vida a este districto, que por situado no interior das terras estaria miseravel e despovoado se não fóra a indole dos habitantes. — O trecho de territorio acima desenhado é uma paisagem da Thessalia, na Grecia, hoje encravada na provincia turca de Trikhala: vê-se a povoação de Baba, o monte Ossa, e o caminho que conduz á cidade de Ampelachia, situada junto ao Salympria [o rio Peneu dos poetas e da Grecia antiga] no famigerado valle de Tempe.

No monte Ossa pôz a fabula a residencia dos temiveis centauros, monstros meio homens meio ca-

vallos: segundo a mesma *veridica* auctoridade o Ossa esteve pegado ao Olympo, até que Hercules os separou, deixando entre ambos o valle de Tempe: esta separação foi provavelmente effeito d'algum terremoto em tempos mui afastados das eras de tradição historica. Aquellas duas montanhas e as outras não menos celebres, o Pelion e o Pindo, foram as que os gigantes, intentando guerra aos nunes, amontoaram umas sobre outras, para lhes servirem de degráus por onde escalassem os céus.

A cidade de Ampelachia está picturesquemente edificada: a casaria parece de longe estar pendurada dos irregulares declives da montanha, que são matizados diversamente com muita casta d'arvoredo: seus vizinhos são quasi todos gregos, que apesar de residirem nesta paragem, remota comparativamente a outras do mesmo continente, são tão dados ás especulações mercantis que mantem relações importantes com as praças commerciaes d'Alemanha, e com Smyrna, Constantinopola, e outras de Levante, onde muitos delles tem correspondencia aturada; e por vezes as frequentam: todo o seu trafico consiste no producto de suas manufacturas, geralmente de tecidos de algodão, o qual é cultivado nas planicies da sua provincia.

O rio, conhecido actualmente pelo nome de Salympria, é o Peneu, que fóra em toda a extensão de suas margens orlado de virentes loureiros. Aqui, metamorphoseada nesta arvore teve Daphne o castigo da sua esquivança: farçola mythologica escripta em estylo mui desenfasiado, e porventura com demasiada soltura de lingua, por um versejador nosso do passado seculo, o jovial P.º Braz. — O golpho de Salonica recebe as aguas, que perderam sua fama: correm ellas pelo valle de Tempe, im-

mortalisado nos harmoniosos versos de Virgilio, no livro 2.º das Georgicas.

Rematado parece que está o nosso mui succinto artigo, nem queremos cançar com as reminiscencias classicas o grande numero dos que acceitam e pronunciam os nomes, que se encontram a cada passo nos poetas mais vulgares, sem lhes importar o sentido geographico ou historico: são palavras sonoras, enchem a medida do verso, e tanto lhes basta; embora assistam a uma dança mimica, a uma opera; embora vejam um quadro, que não possam comprehender sem mentor que os instrua. — Lembrou-nos porem que temos no chão portuguez um lanço de montes, com o mesmo nome daquelle da Thessalia. — A serra d'Ossa na provincia transtagana poderá derivar a etymologia de sua denominação de quaesquer das fontes que o P.º Henrique de St.º Antonio aponta na começada Chronica da sua ordem religiosa; mas confessamos que essas deducções nos parecem violentadas, e mais trazidas em rasão do som dos vocabulos que pela analogia das cousas. Resume o historiador dos frades paulistas quanto os nossos antiquarios disseram sobre o templo de Venus, que os romanos fundaram no pincaro da serra d'Ossa, hoje denominado de S. Gens pela ermida do anachoreta deste nome; cita outro consagrado a Endovelico nas visinhanças; menciona antigualhas curiosas de que existem vestigios como dos arraiaes de Viriato; mas não se lembra de que os conquistadores do universo, estendendo seu dominio pela Lusitania, poderiam achar tal semelhança entre a serra portugueza e a montanha da Grecia que lhe dessem a mesma denominação. Todavia esta conjectura nossa seja tida na conta que merecer.

A serra d'Ossa jaz quasi no centro do Alemtejo, no arcebispado d'Evora, a nove leguas da raia hespanhola, que lhe fica ao nascente, a cinco d'Evora e a duas d'Estremoz, que vê ao norte; são os seus principios na villa de Terena entre o nascente e o sul, e vai-se dilatando até Evora-Monte para o occidente e norte: tem de comprimento de seis a sete leguas, e na maior largura duas e meia: comprehende altos montes, e quebradas e valles ferteis e amenos, os montados criam muitas varas de porcos, os mattos são abundantes de caça e arvoredo sylvestre, as fructas da aldêa de Pomares são deliciosas, e maior seria a copia dellas se o terreno fosse na extensão da serra mais tratavel e apto á cultura. Da villa do Canal restava apenas para simulacro o pelourinho; de sua povoação ficaram alguns visinhos entretidos na agricultura, e criação dos gados, para os quaes não faltam as pastagens em todo o decurso do anno: das ribeiras que destas montanhas descem é a mais notavel a de Canha, que vem fertilisar os campos de Montemór o Novo. — A serra d'Ossa foi celebre pelos piedosos solitarios que em contemplação mystica ahi passaram seus dias, uteis á salvação de suas almas, inuteis para o mundo. Estes anachoretas deram origem á ordem dos eremitas de S. Paulo thebeu, que fundaram ahi convento magnifico, cabeça de sua congregação neste reino: tiveram no mesmo districto outro no sitio de Val d'Infante, que posteriormente se converteu em quinta mui rendosa. Os curiosos das noticias desta corporação religiosa podem, alem da citada Chronica dos Eremitas da Serra d'Ossa, por Fr. Henrique de St.º Antonio, consultar a Thebaida Portugueza de Fr. Manuel de S. Caetano Damasio: posto que a primeira obra, sendo tão volumosa, só dá amplas noticias dos primitivos solitarios.

III.

ENTRE os principios oppostos, e exclusivos, existe quasi sempre a verdade, e assim entre a opinião do preceptor d'Alexandre, e a do fundador do immortal systema sexual de botanica, podemos encontrar a verdadeira idéa que se deve formar da *especie* a que pertencemos; mas se o tempo e saude nos não faltar, muitas occasiões teremos de nos occuparmos destas questões, que por muito importantes as temos em nossa humilde opinião: e agora exporemos o mais breve possivel o systema de Martin que divide o genero humano em seis castas, cada uma das quaes subdivide-se em familias e tribus.

1.ª casta = Japetica. = Cabeça oval, nariz proeminente, os ossos das faces pouco ou quasi nada salientes, orelhas pequenas, cabellos corredios, mas nunca lanudos, barba espessa, e tez variavel (::). Os individuos desta casta são ou europeus, ou asiaticos, ou africanos.

Os europeus pertencem a uma das seguintes quatro familias: 1.ª Celtica, comprehende os antigos habitantes da Gallia, d'uma parte d'Alemanha, da Italia, da Hespanha, das ilhas britannicas, e talvez da Grecia; 2.ª Pelasgica, comprehende os gregos e seus colonos, os godos e os vándalos; 3.ª Teutonica, comprehende os alemães, os franceos, os germanos e os anglos; 4.ª Slava, comprehende os russos, os polacos, os bohemios e os illirios &c.

Os asiaticos pertencem a alguma das seguintes familias: 1.ª Tartara, comprehende os antigos scytas, os tartaros, os usbeks; 2.ª Caucasica, pertencem-lhe os georgianos, os circassianos e os mingrelianos; 3.ª Semitica, pertencem-lhe os arabes, os hebreus, os chaldeus e os phenicios; 4.ª Sanscrita, comprehende as diversas nações da India.

Os africanos pertencem á familia mizraimica, a qual comprehende os antigos egypcios, os ethiopicos &c.

2.ª raça = Neptuniana. = Cabeça arredondada, algumas vezes comprimida dos lados, ossos das faces proeminentes, a distancia d'um olho ao outro maior do que a da casta Japetica, boca media, cabellos corredios e negros, barba pouco espessa e muito rija, alguns membros bem formados, tez fusca e trigueiro-amarellada. Esta casta tem duas familias. A 1.ª comprehende os indigenas da peninsula de Malaca e os Storas de Madagascar: á 2.ª pertencem os indigenas da Nova Zelandia, das ilhas de Sandwich, e das ilhas da Sociedade &c., e talvez os emigrados que fundaram o imperio do Perú e o do Mexico.

3.ª casta = Mogol. = Cabeça grossa e alta, rosto achatado, maçãs do rosto proeminentes, olhos estreitos e obliquos, e as palpebras salientes; sobrancelhas arqueadas, nariz achatado com as ventas muito abertas, orelhas largas, boca muito grande, tez amarellada e muito trigueira; não tem barba. Esta raça pertencem-lhe duas familias, uma comprehende os tartaros e os chinas, a outra os japonezes.

4.ª casta = Prognatica. = Maxillas grandes e proeminentes, dentes incisivos obliquos, cabeça achatada dos lados, testa estreita, ossos das faces salientes, labios grossos, nariz chato e ventas muito

(*) Concluido de pag. 326.

::) Não mencionamos senão os caracteres geraes, pois só promettemos expôr brevemente o systema de Martin.

abertas; cabellos lanudos, algumas vezes crespos, outras vezes rijos e compridos; barba pouco espessa, tez negra e trigueiro-amarellada. Divide-se esta raça em quatro familias: a 1.^a e 2.^a todos os negros d'Africa, os cafres &c.; a 3.^a os negros com os cabellos lanudos, e que habitam a Nova Guiné; a 4.^a os negros da Nova Guiné, que teem cabellos corredios, d'algumas ilhas do archipelago mexicano, da Nova Hollanda, e os vinzembires de Madagascar.

4.^a casta = Occidental. = Testa achatada, o alto da cabeça pouco elevado, maçãs do rosto muito proeminentes, abertura dos olhos linear, ordinariamente obliqua, nariz pouco saliente, algumas vezes achatado, boca alguma cousa grande, os dentes quasi obliquos, cabellos grandes, rijos e negros, barba pouco espessa, tez variavel, trigueiro-amarellada e acobreada. Divide-se esta raça em tres familias: —

1.^a Colombianos, que são os indígenas d'America do Norte e do Mexico.

2.^a Americanos do Sul, que são os indígenas das margens do Amazonas, do Brasil, do interior do Chili &c.

3.^a Patagões, são os indígenas da Patagonia.

IV.

Blumenbach admitte uma só especie d'homens, apresentando cinco grandes variedades; sendo a variedade caucasica a origem de todas as outras.

Cuvier achou na sciencia a confirmação das tradições conservadas no Antigo Testamento, e por consequencia, como Blumenbach, admitte uma só especie, mas dividida em tres castas; 1.^a a caucasica, 2.^a mogol, 3.^a ethiopica.

1.^a = Caucasica. = Reconhece-se pela formosura e oval da cabeça, teem os olhos bem fendidos e em linha horisontal, labios delgados, e as maçãs do rosto pouco salientes. Esta casta foi assim chamada, porque parece ter sido a sua origem em roda do monte Caucaso, que separa a Europa da Asia, e ainda hoje nas visinhanças desse monte é que existem os povos mais formosos que se conhecem, taes como os circassianos e os georgianos.

2.^a = Mogol. = Rosto achatado e quasi quadrado, nariz achatado na base, largo na extremidade, e tendo a abertura das ventas quasi lateral, maçãs do rosto salientes, olhos estreitos e obliquos, barba aspera, côr azeitonada, cabellos negros e corredios. Esta raça dizem alguns auctores que teve origem perto dos montes Altay, e dahi se espalhou por toda a parte oriental do continente asiatico, e até chegou ao Meio-dia a povoar as ilhas do grande Oceano. Esta raça é inferior á caucasica; a sua civilização tem ficado estacionaria.

3.^a = Ethiopica. = Um dos seus caracteres principaes é a sua côr negra, a fronte *deprimida*, nariz achatado, e cabellos umas vezes duros, outras crespos: as suas maxillas alongadas, e a grossura dos seus labios dão ás suas feições alguma similitude com a physionomia do mono. Esta raça perseguida pelas duas precedentes, apesar de ser menos numerosa do que qualquer das suas inimigas, está mais espalhada do que ellas. Na Africa termina ao meio-dia da montanha d'Atlas, situada entre a Barbaria e o Biledulgeride; os povos que a compõem, unicamente occupados em procurar a sua subsistencia, não conhecem quasi nenhuma arte industrial, não tem civilização, e tornaram-se por

isto escravos das outras castas; a origem da sua escravidão está em que toda esta se póde chamar barbara. Em quanto a Africa não for civilizada, em quanto a America precisar de braços que lhe deem vida e movimento, hade haver escravatura. É esta a nossa opinião; talvez nos enganemos, e bom será: mas esta lei da offerta e da procura que sustenta a escravidão é uma lei economica tão reconhecida que duvidamos possa deixar de ter vigor em quanto não cessarem de existir os factos que a constituem.

No systema de Cuvier, de que tentámos dar alguma idéa, acabamos de citar nossos apontamentos d'anthropologia, que só para nosso estudo tinhamos escripto.

S. J. Ribeiro de Sá.

DA ESCRIPTURA, E DA SUA INFLUENCIA SOBRE A MEMORIA.

Se remontarmos aos tempos da infancia do mundo, tempos, em que os homens não conheciam linguagem alguma regular, presumiremos que procuraram a principio exprimir os seus pensamentos e testemunhar as suas necessidades mais urgentes por varios gestos [sies interpretes do nosso sentir] e por meio de sons inarticulados ou gritos.

Não tardou, porem, vista a admiravel faculdade de nos exprimirmos, a descoberta da prodigiosa combinação das infinitas articulações da linguagem; donde nasceu a portentosa diversidade de encontrados idiomas: entretanto estes meios engenhosos, que os homens descobriram para se exprimirem, não bastaram; taes meios só podiam ter effeito entre presentes; e então outros desejos brotaram em sua alma; queriam fallar aos ausentes, dirigir a todos os logares, e a todos os seculos, a expressão fiel dos seus pensamentos, unindo, por assim dizer, as maiores distancias: esta foi verosimilmente a origem da escriptura.

Como pois fizessem consistir a primeira linguagem nos gestos e nas representações physicas dos objectos que queriam exprimir, serviram-se para a linguagem, ou meios de comunicação com os ausentes, dessas mesmas figuras, que imitavam esses objectos e os gestos, que os deviam acompanhar. Foi esta a primeira escriptura, e sem duvida a escriptura universal, intelligivel para todos os povos, e que devemos crer que longo tempo fosse a unica usada entre elles. Na verdade esses monumentos antiquissimos, que alardêa o celebre Egypto, a primeira região em que apparecem cultivadas as artes e as sciencias; esses maravilhosos obeliscos, extrahidos de immensas pedreiras, conduzidos a grandes distancias, levantados sobre as bases por meios, que nos são desconhecidos, mas que assás demonstram quão importantes progressos os egypcios tinham já feito em mechanica; estes monumentos dizemos em parte já mutilados, conservam o resto daquella escriptura primitiva, segundo o exame feito por curiosos antiquarios. — Os povos do Mexico não conheciam ainda outros quando Cortêz alli aportou: foi por meio desta escriptura que os governadores das provincias maritimas deram parte ao seu imperador da chegada dos hespanhoes. Todavia a nação, que apresentasse alguns passos mais gigantes na civilização, e que fizesse um uso salutar do seu espirito, pondo em acção as suas admiraveis faculdades, não po-

deria conservar-se estacionaria neste ponto: dahi veio que as mais civilizadas se viram obrigadas a substituir muitas das figuras imitativas do natural por outras de convenção; é por esta causa que em alguns obeliscos posteriores se encontram umas, e outras figuras, o que veio dificultar consideravelmente o sentido dessas inscrições.

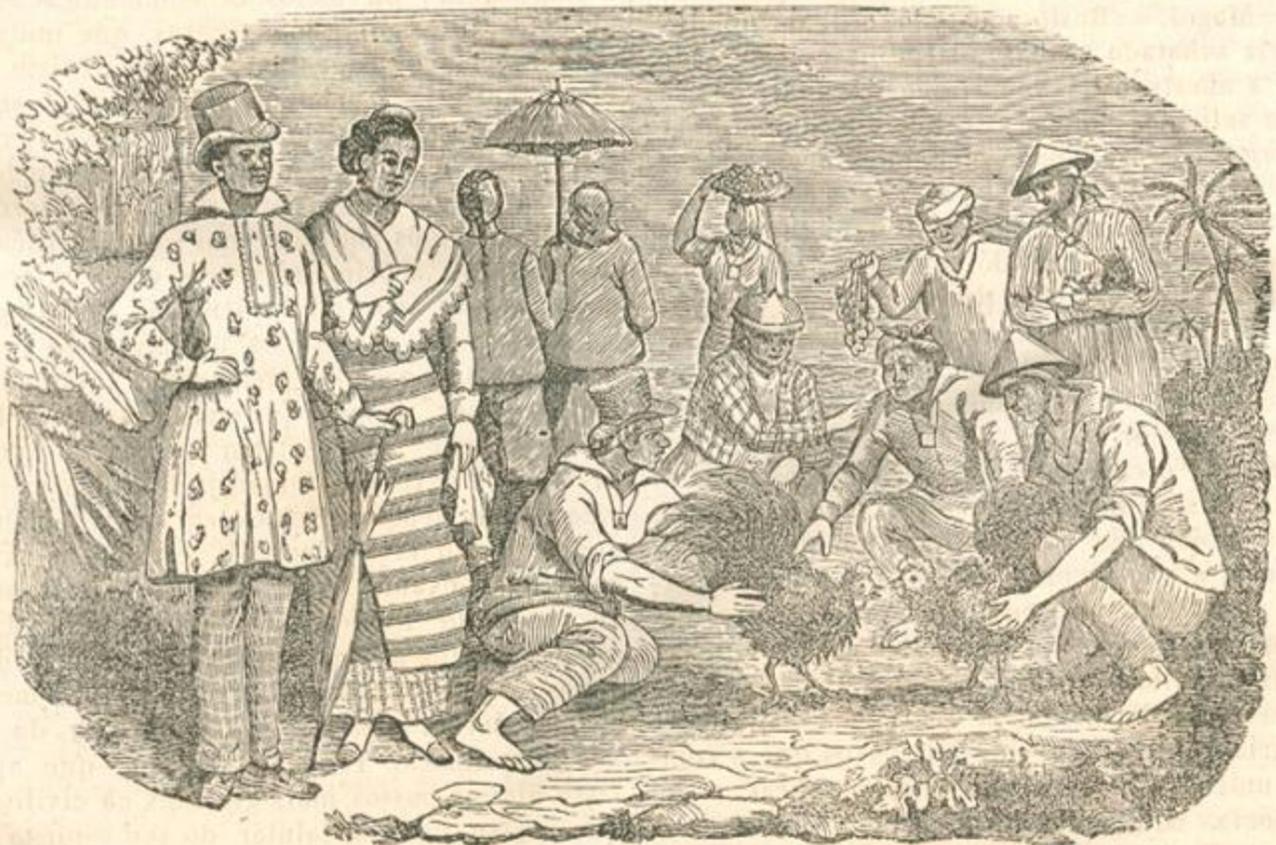
Diversas tem sido as opiniões ácerca dos hieroglyphicos do Egypto: uns auctores são de parecer que dizem relação a grandes mysterios, e importantes segredos, que os sacerdotes tratavam de occultar ao povo; outros que estas figuras eram a verdadeira escriptura daquelles tempos. O additamento das figuras de convenção, que se fez a estas figuras naturaes, concorreu para ampliar todos os dias o uso desta escriptura. Nas primeiras figuras de convenção encontra-se comtudo a verosimilhança em algumas relações com as cousas que se que-riam exprimir; mas como estas relações dependiam da maneira particular de observar as cousas, nada tinham d'universaes, e as mais das vezes se tornavam verdadeiros enigmas. A pratica porem lhes fez conhecer quanto era necessario o melhoramento deste meio.

Emfim uma ultima invenção, certamente a mais util a todos os respeitos, e a mais prodigiosa do espirito humano, veio coróar tão reiteradas diligencias. Consistiu esta em representar não as cousas, mas as palavras que as exprimem; e para este fim estabeleceram-se caracteres ou signaes, aos quaes se attribuem todas as articulações da voz, cuja diversa combinação forma as palavras e as phrases. A escriptura, ou escripta, meio tão efficaç de comunicação, tem sido adoptado por todos os povos, excepto alguns ainda selvagens. Ha nações que tem caracteres proprios para exprimir todas as suas articulações, e quando o seu alphabeto é perfeito ou bem completo póde exprimir as palavras d'outras linguas.

Pergunta-se agora se a descoberta da escriptura ou arte de escrever veio servir d'auxilio á memoria, ou causar-lhe graves embaraços? É na verdade singular a maneira de pensar de Platão sobre tal objecto; e sem nos encostarmos á sua opinião, deixando aos sabios refuta-la, não nos dispensá-

mos de offerecer aos nossos leitores um extracto da allegoria, por meio da qual se exprimiu no dialogo *Phedro*. «Tenho ouvido dizer que havia perto de Naucratis, no Egypto, um deus dos mais antigamente adorados no paiz, ao qual era consagrada a ave denominada Ibis: este deus chamava-se Theuth — diz-se que foi o primeiro que inventou os numeros, o calculo, a geometria, a astronomia, os jogos do xadrez e do dado, e a escriptura. O Egypto estava então inteiramente sujeito ao dominio de Thamus, que habitava a grande cidade, capital do alto-Egypto. Os gregos chamam a esta cidade Thebas a egypciana, e ao deus Ammon. Theuth deixa pois os seus aposentos, e se dirige ao rei, para lhe mostrar as artes, que tinha inventado, e lhe diz que era necessario generalisar o conhecimento dellas por todo o Egypto: o rei lhe pergunta que utilidade poderia prestar cada uma das artes? Entrando em polemica com elle sobre o objecto da sua invenção, começa por censurar umas e approvar outras; allegando ao deus Theuth muitas razões pró e contra cada uma das artes em particular: seria longo expór todo o debate; descere-mos porem ao que se passou pelo que respeita á escriptura. Esta sciencia, ó rei, lhe disse Theuth, tornará os egypcios mais sabios, e servirá de grande utilidade á memoria. É um remedio, que eu achei contra a difficuldade d'aprender e de saber. — O rei lhe respondeu: — Industrioso Theuth, a tua arte só vem produzir o esquecimento no espirito daquelles que aprendem, fazendo-lhes desprezar a memoria: com effeito deixarão a estes caracteres estranhos o cuidado de lhes recordar tudo o que tiverem confiado á escriptura. Não tens portanto inventado um auxiliar da memoria, mas sim da simples reminiscencia, e não offereces a teus discipulos mais do que o nome da sciencia sem realidade, porque, quando tiverem lido muito sem mestres, que os dirijam, se julgarão dotados de numerosos conhecimentos, ainda que pela maior parte sejam ignorantes; juntando ainda a isto que a falsa opinião, que tiverem da sua sciencia, os tornará insupportaveis no commercio da vida.»

J. C. da S.



PELEJA DE GALLOS.

ERA impossível que o homem, tão sagaz em pesquisar e aproveitar os hábitos e instinctos dos animaes, tanto para objectos de utilidade, como por occasião de divertimento, deixasse passar por alto a propensão bellicosa dos gallos. Com effeito conhecida a tendencia para os combates, nascida da mutua rivalidade, destas aves galhardas, presumpçosas e irritaveis, alguns povos tomam por deleite testemunhar essas pelepas, instigar os combatentes, e emmestra-los de proposito para melhor se despedaçarem; chegam até a aguçar-lhes os bicos e a lhes armar os esporões com ferros acerados: — mas não ficou isto só em divertimento atroz, ligou-se-lhe logo a mania do jogo, o amor sordido do ganho: sustentam-se, e adestram-se gallos unicamente destinados a combater, e sobre sua valentia ou fraqueza os donos e os que presenciam a luta apostam grossas quantias. Longe, e mui longe de nosso pensar está o desculpar o odioso espectáculo das corridas de touros, porque alem de barbaro e perigoso, sempre nos pareceu divertimento ignobil, tumultuario e irracional; comtudo não seremos nós, e os hespanhoes, acimados exclusivamente de ferocidade porque na Peninsula é uso correr touros: ponha-se igual ferrete naquelles povos, que se recream com a vista do combate dos gallos, espectáculo tambem ignobil pela especulação interesseira das apostas. Estas pelepas são muito do gosto dos inglezes, que presando-se de philantropos as deviam ter banido, como nós as touradas. N'alguns paizes asiaticos criam desveladamente os gallos para aquelle fim: para os indios das ilhas Philippinas não ha maior regozijo; e quasi que idolatram um gallo vencedor muitas vezes, que se converte em alvo de ciumes e causa de frequentes rixas entre os donos, no que tomam parte as pessoas das respectivas familias. — Todos os povos tem destas fraquezas, herança de seculos semi-policiados: o facho da civilização progressiva as consumirá de todo.

A nossa estampa representa os habitantes das Philippinas assistindo a uma pelepas de gallos.

UM TRECHO D'HISTORIA PORTUGUEZA.

— « Affonso, meu filho, como ousa em teu animo entrar o negro attentado de queres rebellar-te contra teu pai, contra teu rei e teu senhor? »

Assim exclamava a santa rainha, esposa d'elrei D. Diniz, pelas eras de 1320, a seu filho, que depois succedeu na corôa, e tanta celebridade adquiriu pelo *senão* honrado que na mocidade ouviu de seus probos conselheiros [sabendo depois de passado o despeito toma-lo por bom serviço e conselho de leaes animos (*)] como pelo sangue innocente da bella e malfadada Ignez, que em sua veihice, cedendo a crueis rasões de estado, consentiu se derramasse.

E Affonso ouvira silencioso e sombrio a acerba reprehensão de sua virtuosa mãe, e do peito soltando profundo suspiro, e ajoelhando diz:

— « Minha mãe, e minha rainha! Podem porventura a obediência de filho, e os deveres de vassallo, fazer esquecer a crua affronta de vêr um bastardo Affonso Sanches gozar da privança d'elrei D. Diniz, meu pai, e meu senhor? Poderei acaso vêr o reino prestes a tomar parte nas inquietações de

Castella, só para lisongear esse valido, esse bastardo, que meu pai prefere a seu legitimo filho, ao herdeiro da corôa de Portugal? Ah senhora, ferve no peito a indignação; não é possível por mais tempo vêr a náu do estado correndo perigos de ir-se a pique, sem que eu procure ao menos concorrer para que se entregue o leme a mãos habeis e appercebidas. »

« Affonso, Affonso, bradou Santa Isabel, onde te despenha a tua ambiciosa cegueira! E será daço porventura a um filho o ser o julgador de seu pai? A um vassallo o tomar armas contra o seu rei, só por livre alvedrio? Modera essa ira, e treme que algum dia o exemplo funesto, que dás aos povos, sirva para tua propria condemnação! »

Estas ultimas palavras já Affonso as não ouvira, que appressurado procurava sahir dos paços reaes para ajuntar seguidores, que o acompanhassem no acto da rebelião que meditava.

Continuavam as queixas do infante, e agravavam-se as discordias domesticas, sem que a santa rainha as podesse applicar. Suas lagrimas e contínuas preces perante o throno do Altissimo não restituíam a paz ao reino, e seu filho armava os vassallos de D. Diniz, e preparava os elementos da horrivel guerra civil, desse flagello destruidor, que ainda depois de extincto deixa apoz de si os germens de morte.

No em quanto, a rainha santa, entregue a religiosas praticas, se occupava em fundar o convento de Santa Clara de Coimbra, em cuja obra piedosa muito a auxiliára D. Mayor Dias, que passava vida religiosa no mosteiro de S. João das Donas da mesma cidade. Esta virtuosa dama dera o terreno para essa fundação, que teve logar em uma quinta que ella possuía, alem da ponte e defronte da cidade, em parte não mui distante do Mondego.

Pela sua parte elrei D. Diniz se entregava tambem a fundações religiosas. Tinha no sitio de Odiveellas uma quinta deleitosa, e levado pela sua piedade, depois de ouvido o capitulo convocado pelo santo varão o abbade de Alcobaça D. Fr. Domingos Martins, resolveu alli edificar um convento, que é o que hoje existe, e aonde foram depositados os seus despojos mortaes.

Sendo estas as obras dos monarchas, eram bem differentes as do infante seu filho, que cego pela colera e pela ambição fez publica a sua desobediência, e determinou buscar a protecção da rainha de Castella, sua sogra, para com o seu favor e auxilio se introduzir no governo do reino. Tiveram seus augustos pais noticia deste designio, e elrei com suaves preceitos, a santa rainha com lacrimosos rogos, lhe pediram que não fizesse aquella jornada, porem desattendendo tudo, se foi com sua mulher a infanta D. Brites, para Fonteguinaldo, aonde os aguardava a rainha sua sogra. Depois de conferirem no que se havia de fazer naquella pertença, escreveu a rainha de Castella a elrei D. Diniz uma carta, em que lhe pedia entregasse o governo do reino ao infante. Elrei respondeu com firme repulsa porem com modestia, e como o infante viu malograda a sua pertença, começaram com o seu exemplo a alienarem-se os animos dos vassallos.

Como o infante com o sentimento da repulsa se afastou totalmente da real presença, era grande a desconsolação da santa rainha, temendo que o Senhor dêsse ao infante os castigos que a nossa crença commina contra aquelles que faltam á paternal obediência: neste receio pedia a Deus com lagri-

(*) Veja-se D. N. de Leão Part. 1.^a das Chronicas, na Chronica de D. Affonso IV.

mas e orações que aquellas culpas não impedissem as divinas misericórdias.

Vendo o infante que se malogravam as suas diligencias, pôz as suas esperanças nas armas: tomou por trato Leiria, apoderou-se do castello de Santarem, intentouprehender Thomar e Torres-Novas. Foi por estas epochas que ateadada a guerra civil se fizeram preces em varios pontos do reino, para se restabelecer a tão desejada paz, e então succedeu, segundo alguns historiadores, o mui fallado milagre de Santarem.

Não faltaram mal intencionados que accusaram a santa rainha de connivente com o filho, procurando persuadir elrei, que o haver-se o infante apoderado de Leiria fôra com ajuda de sua virtuosa mãe. Elrei levado por estas calumnias resolveu desterrar sua esposa para a villa de Alemquer, tirando-lhe todas as rendas de que lhe tinha feito doações. Aceitou ella, sem murmurar, o injusto degredo, e partiu com inalteravel conformidade a cumprir as ordens d'elrei.

Perdeu o infante Leiria, e vendo que lhe resistiam outras praças, com o pretexto de vir em devota romaria ao martyr S. Vicente, partiu para Lisboa. Estava neste tempo elrei D. Diniz em Santarem, e sabedor dos intentos do filho, lhe mandou dizer que apartasse de si os homens de ruim conselho, que a titulo de obsequios lhe faziam tantos desserviços, mas D. Affonso não quiz dar ouvidos ás recommendações saudaveis de seu pai e proseguiu em seu intento. Vendo elrei que tudo era baldado se foi com gente armada em seu seguimento, occupando o lugar do Lumiar, onde esteve algum tempo, esperando que o filho mudasse de arbitrio. Não aconteceu porem assim, e então sabedor elrei que D. Affonso não temia a sua pessoa, nem respeitava o seu poder, e que marchava com os seus sobre Cintra, desenrolou a real bandeira, e partiu para aquella villa. Alli o encontrou posto em armas, porem o amor paterno impediu o rompimento, e sem reparar que o accusassem de temor quiz mostrar com a paciencia que o seu intento era a redução e não a victoria.

Não se querendo dar a batalha, cada qual mudou de posto; elrei veio para Bemfica, o infante para o Lumiar, e occupando o lugar chamado das Albogas, ficou quasi á vista das tropas de seu pai, o qual lhe mandou dizer, que o aguardasse, porque queria que fosse testemunha dos severos castigos, que dava aos homens ruins de quem tomára tão perniciosos conselhos. Accrescentou elrei que se em Cintra não pelejára, fôra, não pelo temor de evitar a batalha, mas para poupar o derramamento do sangue portuguez, e por isso a prudencia recusára a victoria. Não se reduziu o filho com este recado, mas receando o recontro, por ser desigual o partido, largou o posto, não permittindo elrei que os seus lhe cortassem o passo.

Na retirada se recolheu o infante a Coimbra aonde então nasceu o infante D. Pedro, que depois, sob o nome de *Crú*, foi o successor do reino, e de tanta celebridade historica pelos seus infaustos amores e casamento com Ignez de Castro. Este acontecimento parecia prometter a reconciliação entre o pai e o filho, mas não se effectuou esta, nem a prudencia do monarcha pôde moderar a braveza do vassallo.

Estava a santa rainha no desagrado de ambos, porque um tinha della desconfianças, outro não ouvia as suas exhortações; chegou o reino [que se ti-

nha visto no mais subido auge das felicidades] ao mais deploravel abatimento de miserias, e elrei, por evitar as tragicas ruinas, mandou dar conta a elrei D. Jayme de Aragão, seu cunhado, das occorrencias do reino. Sabedor elrei de Aragão, que a rainha de Castella favorecia a discordia, preveniu tudo o que lhe pareceu conveniente para que ella não dêsse soccorro ao genro, e enviou a Portugal D. Sancho, fiando que a sua prudencia aconselhasse o cunhado, consolasse a irmã, e reduzisse o sobrinho, porem por mais que elle com sua grande auctoridade procurou conseguir a concordia, para nada serviu a sua diligencia.

Entendendo o infante que era descredito de seu valor, estar nos arrabaldes de Coimbra, sem se apoderar da cidade, se resolveu a intentar aquella interpresa, e para a pôr em execução, mandou convocar os seus alliados, fingindo que os ajuntava para outros intentos. Imaginando os moradores da cidade [sem embargo de elle ter comsigo tanta gente] que não intentaria a conquista, não accrescentaram a cautella; tendo o infante noticia da sua confiança, sem o atemorisar o geral e repetido terremoto, que a 9 do mez de dezembro aterrou todos os habitantes, no ultimo do mesmo mez entrou a cidade, com tão pouca resistencia que não deixou de haver bem fundada suspeita que lh'a entregára occulta combinação.

Animado com este acontecimento, recolheu o infante sua mulher D. Brites á cidade, e deixando uma forte guarnição, partiu no outro dia para Montemor-o-Velho, e tanto que chegou ao castello este se lhe entregou sem resistencia. Tratando de se aproveitar da fortuna, se apoderou com a mesma facilidade dos castellos da Feira, Gaya, e Porto, com o que se deu por senhor das provincias da Beira, e Entre-Douro e Minho. Com a gente que ajuntou na cidade do Porto, foi pôr cerco a Guimarães, aonde estava Mem Rodrigues de Vasconcellos, meirinho mór da provincia, fidalgo em quem o valor e a lealdade eram correspondentes ao esplendor de seu illustre sangue; procurou o infante persuadi-lo á entrega da villa, e não podendo conquista-lo, nem as promessas dos favores, nem as ameaças dos castigos, resolveu o infante combater a villa, e o castello; e continuando-se o combate com toda a furia, Mem Rodrigues se defendeu com tão valorosa constancia, que os sitiados na defesa, os sitiadores na expugnação, mostravam que contendiam portuguezes contra portuguezes.

Causaram estes prosperos progressos das armas varios effeitos de esperanças e de temores, mas vendo Santa Isabel, que naquellas domesticas discordias o resultado seria sempre infeliz quaesquer que fossem as victorias, resolveu [sem embargo de estar por ordem d'elrei em Alemquer] ir-se avistar com o infante em Guimarães, para lhe persuadir a paz. Com mui pequeno acompanhamento, partiu para aquella villa, sem lhe importar os descommodos de tão dilatado caminho, nem em que elrei julgasse por desobediencia a jornada; em poucos dias chegou ao arrayal do infante, porem por mais que o exhortou como mãe, e lhe mandou como rainha, elle não quiz obedecer.

Constando a elrei que o infante tomára Coimbra, fez praça d'armas Santarem, aonde ajuntou muita gente do reino, e partiu a sitiar aquella cidade. Conservava-se o infante junto a Guimarães, porem vendo que se não rendia, e que Coimbra se arriscava, levantou o cerco da villa, e resolveu vir

socorrer aquella cidade para a descercar. Fez elrei retirar os seus afim de evitar novos conflictos, em quanto todos a uma voz persuadiram o infante da necessidade de fazer algum accommodamento.

Elrei inteirado da innocencia da consorte, e obrigado de sua virtude, deferiu á sua intercessão, e consentiu que se fizessem treguas. Assentadas ellas convieram os mediadores que elrei mudasse d'alojamento, e se fosse para o logar de S. Martinho, que está da outra parte do rio Mondego, e que o infante viesse para Coimbra aonde se achava sua mulher. Gastando-se quatro dias sem que o infante se reduzisse a accordo, exasperado elrei pela dilatação, abalou com o exercito contra a cidade. Ouvindo o infante o militar estrondo das trombetas, preveniu-se com valor para a defeza, e como os de elrei determinavam entrar na cidade pela ponte, foi dentro della sanguinolento o conflicto, até que a noite pôz termo aos estragos.

Ainda que os da parte do infante tiveram melhor dia que os parciaes d'elrei, instaram todavia com aquelle para que se ultimasse um accordo decente, pelo que elrei veio para Leiria, e o infante para Pombal.

Conferido este grande negocio, de que se esperava a tão desejada paz do reino, se ajustou que elrei largasse ao infante o senhorio da cidade de Coimbra, a villa de Montemor, com os castellos da Feira, Gaya e Porto, e lhe accrescentasse as rendas da sua casa; que o infante lhe fizesse homenagem de ter aquelles castellos da sua mão, e fazer delles a guerra ou a paz pelo real arbitrio; que despedisse os malevolos que andavam em sua companhia, e os deixasse á jurisdicção da justiça. De tudo fez o infante publico juramento na igreja de S. Martinho da villa de Pombal, e pouco depois partiu para Leiria na companhia de sua augusta mãe. Elrei os esperava com aquelle alvoroço, que pedia ver o filho obediente, e uma rainha que com sua virtuosa diligencia tinha feito cessar tão pernicioso guerra. Elrei recebeu o infante, como se nunca lhe houvera feito agravos; o infante se prostrou diante d'elrei, e lhe beijou a mão; o seu exemplo foi seguido pela nobreza, prelados e senhores que se achavam presentes, os quaes testemunharam o seu agradecimento por tão feliz concordia.

De Leiria passou elrei para Alemquer, alli teve curta demora, voltando depois para Lisboa, onde pelos desgostos e trabalhos da guerra lhe sobreveio uma gravissima enfermidade. Fez elrei suas disposições testamentarias, e preparou-se para a eternidade, mas não havia chegado ainda a sua hora.

A morte da rainha D. Maria de Hespanha, e a menoridade de elrei D. Affonso seu neto, trouxe grandes discordias ao reino visinho. Os moradores de Badajoz, não se conformando com o que em vida da rainha D. Maria se assentára nas côrtes de Valhadolid, recorreram a elrei D. Diniz e ao infante D. Affonso para que os soccorresse. Este ultimo marchou para Elvas em soccorro de Badajoz, e breve obrigou os sitiadores a levantarem o cerco.

Deteve-se o infante em Elvas alguns dias, aonde os moradores de Badajoz lhe vieram dar as graças do soccorro, e ajustadas algumas desavenças, que havia entre uma e outra cidade, partiu para Santarem, aonde elrei existia, menos para lhe dar conta da jornada, que para exigir lhe accrescentasse as rendas de sua casa. Não deferiu elrei a esta proposta, pelo que o infante se foi para Coimbra,

voltando logo para Lisboa [para onde elrei viera indisposto] com o pretexto de lhe assistir na doença. Cobrando porem elrei saude, começou o infante a mover novas praticas sobre as passadas contendas, em rasão do que se convocaram côrtes, das quaes elle sahio descontente, deixando a seu pai mui desgostoso.

Persuadiram algumas pessoas mal intencionadas ao infante que era contra a sua honra o não lhe accrescentar elrei a fazenda, e que devia pôr fim áquella controversia, senhoreando-se de Lisboa. Como o seu animo estava inclinado para o intento, accitou com facilidade o arbitrio, e se pôz em marcha, entendendo que apoderando-se da cabeça do reino não teriam as mais partes animo para a resistencia. Tendo elrei noticia desta sua determinação, lhe mandou dizer que não fizesse aquella jornada, porem recebendo o infante a advertencia como injuria não desistiu da empreza.

Proseguiu o infante o seu capricho, chegou ao Lumiar com o seu exercito, e sabedor elrei que elle estava naquelle sitio, sahio da cidade com intento de lhe dar batalha; porem primeiro de virem ás mãos os dois exercitos, lhe mandou dizer por Alvaro Martins de Azevedo que se quizesse ir para Coimbra, sem que elle o obrigasse a voltar por força. A resposta que elle deu ao cavalleiro foi cheia de fel e fereza, correndo risco a vida deste fidalgo, que foi salva pelos que se achavam presentes.

Despedido o parlamentar por modo tão insolito, veio o infante occupar o campo adiante do Lumiar (**), e tomou posição na frente do exercito d'elrei. Avistados os exercitos, se começaram de uma e outra parte as escaramuças, e antes que de todo se movessem os esquadrões houve alguns mortos e feridos de parte a parte, cada qual preparando-se a concorrer para a defeza e para a vingança.

Tendo a santa rainha certeza de que os exercitos estavam tão visinhos, e que pelas escaramuças se começavam os estragos, estando o marido, o filho, e o reino quasi no ultimo perigo, sem reparar no risco pessoal, sahio dos paços do castello de Lisboa, e mandando pôr a sella em uma mulla em que costumava andar [pois naquelles tempos era diminuto o fausto das magestades, sem que fosse menor o respeito] se dirigiu com toda a pressa para o campo, em que a ambição e a desobediencia filial preparavam a Portugal a mais lamentavel tragedia. Apenas a santa rainha chegou aos exercitos, soavam já os bellicos instrumentos, accendendo em marciaes fervores os animos dos combatentes, para se investirem os esquadrões; e vendo que se ella se não interpunha, sem duvida a batalha se rompia, passou por entre os exercitos, e se foi ao do infante, com tão admiravel socego, com tão imperturbavel gravidade, que, [diz o bispo do Porto, Lacerda, escriptor de sua vida] quando o céu a não deffendéra dos golpes das armas, as mesmas armas obrigadas da maravilha, suspenderiam os golpes pela não offenderem.

Reconhecida a santa rainha pelo exercito do infante, se trocaram as marciaes hostilidades em militares continencias, e chegando ella sem detença á parte, onde estava o infante, com auctoridade de rainha, e com a confiança de mãe, assim lhe falla:

«Meu filho! A horrorosa acção que acabas de praticar será estranhado escandalo de todo o mun-

(**) Hoje chamado Campo Grande.

do, pois, não para defesa da tua pessoa, mas só pelo conselho da ambição desembainhastes a espada contra um rei, contra um pai, cuja magestade devias respeitar como vassallo, de cuja obediencia não devias sahir como filho. Ainda que não houvesse estas rasões para a veneração e para a obediencia, bastava para não intentardes estes lastimosos estragos, haver recebido da benevolencia d'elrei tão magnificos accrescentamentos. Elrei hoje em idade tão avançada, rasão era para que lhe procurasses accrescentar a vida, evitando-lhe os desgostos, e não dar-lhe a morte com as suas proprias armas. As causas que te persuadem do pouco amor de elrei, podem dissuadir-se com as acções que contigo sempre usára: o contrario são enganões de fantasia, ou sugestões de falsidade. Dá, meu filho, mais fé a uma mãe tão amorosa, tem melhor opinião de um pai tão prudente, e despreza os antojos da imaginação, ou as inducções da conveniencia. Elrei sempre te tratou como filho, e eu fui sempre empenhada em que fosses o successor da corôa; que se teu pai tivera outro desejo o houvera de dissuadir da determinação, oppondo-me com publicos protestos á herança dos filhos do infante D. Affonso Sanches, porque seria contra as utilidades do reino, nem eu consentiria que a corôa se tirasse da cabeça do meu proprio filho, para com ella se coroar um estranho. Não duvides, que depois dos dias d'elrei, haja de ser tua a corôa: não a queiras pois arriscar em uma batalha que será sempre sem gloria, porquanto se nella perderes a vida, que hade dizer o epitaphio? Se a perder elrei que se hade levar no triumpho? Lastimoso é o conflicto, nem longa idade vivem sobre a terra aquelles que a seus pais faltam com a devida obediencia. E que importa venceres tu a elrei, ou vencer-te elrei; como hades ser o successor da corôa, teu será todo o damno do reino, nem rasão pôde haver para que procures o sceptro com tanto estrago, e menos ainda com tanto indecoro. Vê que nesta batalha hãode matar os pais os filhos, os filhos aos pais, os irmãos uns aos outros, e não pôde Deus, que é justo, deixar de lhes dar castigo. Lembra-te, meu filho, que sou tua mãe; que a minhas instancias na igreja de S. Martinho de Pombal fizeste juramento de observar o concerto; lembra-te que é perder o respeito a Deus, romper aquelle sagrado vinculo da religião, e que pois te obrigaste á homenagem, agora não hasde faltar á observancia, antes abatendo as bandeiras, deporás as armas, e prestarás obediencia a teu pai e a teu rei.»

Com estas efficazes palavras quebrou a Santa rainha a dureza do filho, e depois de o ter reduzido passou ao real exercito aonde com toda a modestia deu conta a elrei do que obrára. Estava D. Diniz sobre modo escandalizado, mas vencendo o amor a ira, obrigado da afeição do filho, da mediação da esposa, e sobre tudo por livrar o reino de tão lastimoso estrago, prometteu que deixando o infante as armas lhe abriria com todas as demonstrações de benevolencia os braços, e o receberia com as mais mostras de paternal affecto.

Disposta nesta fórma a concordia, veio o infante beijar a mão a elrei, sem mais acompanhamento que o de seis cavalleiros, e lhe prometteu de novo a obediencia. Recebeu-o elrei com grande agrado, mostrando que tomára armas por força, e que esquecia completamente o passado. A reconciliação desde essa epocha foi sincera, e com quanto depois

alguns sequazes do infante deram em Santarem mostras de revoltosos, não quiz elle tomar parte alguma na occorrença, nem os animou na revolta. — Quasi seis annos depois, em 7 de janeiro de 1329, falleceu o bom rei D. Diniz, a quem a posteridade fez a mais lisongeira chronica chamando-lhe = Diniz o Lavrador. — Por sua morte subiu ao throno o infante, que foi o quarto Affonso, do tronco illustre do esforçado cavalleiro Affonso Henriques, o heroico fundador de Portugal.

Feitas as pazes quiz a Santa rainha que acontecimento tão memoravel ficasse gravado em monumento mais perduravel que a tradição, e assim por ordem sua, em uma lapida, que se acha encravada no muro da quinta que faz frente á do Sr. conde das Galveas, quasi á entrada do Campo Pequeno, se lê a seguinte inscripção: —

«*Santa Isabel, rainha de Portugal, mandou collocar esta pedra neste logar em memoria da pacificação que nelle fez entre seu marido elrei D. Diniz e seu filho D. Affonso IV, estando para se darem batalha na era de 1323.*»

Quizemos adrede compilar e adornar este trecho da nossa fertil Historia, por nos parecer que merece a attenção de nossos leitores, dos quaes talvez algum nem tenha reparado no monumento a que alludimos. Com quanto humilde seja esse monumento, merece todavia que se proveja á sua conservação, e ainda que memora o triste acontecimento de uma guerra civil, em que um filho desobediente veio ás mãos com seu clemente pai, traz elle com tudo associada a consoladora recordação do muito que pôde por seu valimento uma rainha virtuosa, conseguindo pôr termo ao derramamento de sangue portuguez, e reconciliar dois principes ambos illustres nos annaes portuguezes.

P. M.

Ilhas fluctuantes. — Dá-se este nome a verdadeiras ilhas, posto que de pequena superficie, que sobrenadam e fluctuam em rasão do seu pouco peso especifico, e que por consequencia mudam de rumo e logar: antigamente eram citadas como estupendas maravilhas; agora, attendendo-se á natureza do seu chão de turfa e muito leve, e a que algumas não passam de tecidos de caniços, juncos, e raizes, com algum terriço, reunindo a circumstancia de ser uma camada mui delgada com extensão comparativamente muito maior, não deve causar admiração este phenomeno, que aliás não é raro. Uma lagôa nas visinhanças de St.-Omer está coberta de semelhantes ilheus; ha grande numero delles nas de Commacchio em Italia; outros se encontram em lagos da Irlanda e da Escocia: os maiores que se conhecem são os do lago de Gerdau na Prussia, e os de outro nas cercanias d'Osnabruck. Algumas destas ilhas chegam a tomar assento: sem fallarmos em Delos no Archipelago grego, cuja historia não passa de conto mythologico; sabido é que as ilhotas dos lagos de Bolsenna, e Brassanello ainda eram fluctuantes em tempo de Plinio e de Seneca [no meado do primeiro seculo christão], e agora vemos que são permanentes e fixas. Neste genero de curiosidades naturaes são notaveis: a lagôa Jordan na Frisia que veio a entulhar-se pela reunião de ilhotas que vagueavam dentro della: sobretudo, as hortas fluctuantes de Cachemira em rasão da maneira singular porque os habitantes as aproveitam; dellas demos noticia a pag. 184 do vol. 1.º da 1.ª Serie.